

SILENCIAMENTOS DA INFÂNCIAS: A PARTIR DA CRÔNICA “QUANDO A ESCOLA É DE VIDRO.”

O presente trabalho busca refletir sobre o silenciamento da infância e o disciplinamento desses corpos, tendo como ilustração os sujeitos da *Escola de Vidro* de Ruth Rocha, sob a perspectiva dos conceitos do filósofo francês Michel Foucault. Em sua obra, Foucault aponta o disciplinamento dos corpos como ferramentas de objetivação da produção de sujeitos, entendendo a escola como uma instituição de sequestro desses corpos, mas também de possibilidades de rupturas dentro deste mecanismo. Assim, ao decorrer do texto, a ficção da crônica e as concepções de escola e sujeito presentes na sociedade contemporânea se entrelaçam.

O texto inclina-se à crônica *Quando a Escola é de Vidro* de Ruth Rocha, retirado do livro de literatura infantil denominado: *Este Admirável Mundo Louco*. Na crônica, conta a história de um menino chamado Firuli, recém chegado à uma escola que mantinha seus estudantes cerceados em vidros. No entanto, Firuli não cabia em vidro algum e passa a assistir as aulas de fora do vidro, assim, se tornando um problema para a escola e para a professora, intrigando seus colegas e levando a uma grande surpresa.

Na leitura, os “vidros” podem ser interpretados como as práticas de disciplinamento, que tem como objetivo extrair o tempo do indivíduo, restringi-lo somente para fins da instituição, controlar seus corpos, ditando o que fazer e, também onde e como o que fazer com eles, e por último, através de um novo tipo de poder, “[...] Um poder polimorfo, polivalente” (FOUCAULT, 2014, p. 120) sendo este econômico, político e judiciário. Assim, a escola de Firuli representa a escola como instituição de sequestro, como Foucault mostra, uma instituição pedagógica que corrige e vigia os indivíduos, extrai seu tempo e controla seus corpos. Assim, a educação da infância insere-se, pois, num conjunto de tecnologias políticas que vão investir na regulação das populações, através de processos de controle e de normalização BUJES (2002, p. 26) a criança passa a ser vista como um sujeito que precisa estar em constante movimento de aprender para ser, para tornar-se.

Ao não caber em vidro algum, Firuli recebeu alguns adjetivos negativos, era visto como diferente para os colegas e talvez um pouco “louco/anormal”, que fugia da normalidade, assim, parafraseando os “anormais” (FOUCAULT, 1975). Em seu curso no Collège de France de 1975, Michel Foucault, nos ensina que a psiquiatria construiu essa

categoria ao longo do século XIX a fim de poder se apresentar como um vasto empreendimento de higiene política e moral – é, em parte, formado por “incorrigíveis o povos dos “anormais” (Gros, 2018, p. 6) [grifo do autor]. Entende-se por incorrigível

o indivíduo incapaz de se submeter às normas do coletivo, de aceitar as regras sociais, de respeitar as leis públicas. São os estudantes turbulentos, preguiçosos, incapazes de seguir ordens; [...] desleixados, embromadores, os marginais recalcitrantes, [...]. O indivíduo incorrigível é aquele diante do qual os aparelhos disciplinares (a escola, a Igreja, a fábrica...) [...] continua incapaz de progresso, inapto para reformar sua natureza e superar seus instintos. (GROS, 2018, p. 6)

Ao longo da leitura, a imagem de Firuli cada vez mais se aproxima de um aluno incorrigível, seu comportamento anormal acaba influenciando seus colegas e os tentando a descobrir como é estar de fora do vidro, já que, segundo o livro, “muitas meninas usavam o vidro até em casa, e alguns meninos também.” Isso porque, para Foucault, o poder não está localizado somente no Estado, as relações de poder são múltiplas, microfísicas e capilares (FOUCAULT, 1990), e estende-se por toda a parte, logo, o “vidro” da escola de Firuli acabava inevitavelmente sendo usado em outros espaços.

Esses vidros (entende-se como disciplina) são como um modo de controle dos indivíduos, em que por meio da vigilância e da sensação de uma possível liberdade, faz com que os sujeitos se tornem dóceis, moldáveis e, de certa forma, iguais, padronizados. Mas, Firuli ao ser um incorrigível, com comportamentos anormais e não cabendo em um vidro, acaba construindo as fissuras dentro das engrenagens ao qual Foucault (1995) nos fala.

Guattari faz-nos questionar como as crianças se prendem às semióticas dominantes ao ponto de perderem muito cedo toda e qualquer verdadeira liberdade de expressão (GUATTARI, 1987, p. 50), Ele entende que o processo de escolarização é responsável por limitar a criatividade infantil, há dentro do espaço escolar um certo “abafamento” das infâncias em nome de uma organização social que gira em torno da produção, e nessa organização não há espaço para criar por lazer, não há espaço para o deleite. Assim, “os discursos sobre a criança impõem uma generalização do que é ser um sujeito infantil, escamoteando as várias infâncias que vêm sendo, ao longo do tempo, constituídas” (RESENDE, 2010, p.253).

Ainda, esses discursos, o que se diz sobre a criança e sobre sua própria história, corrobora para uma caracterização de uma infância “atemporal, ingênua, sem condição de falar, de ser ouvida. Constrói-se, assim, uma infância pautada na continuidade cronológica, no tempo como sucessão e sequência de etapas do desenvolvimento” (RESENDE, 2010, p. 252),

uma espécie de corrida onde os sujeitos não têm direito de expor e exercer suas vontades pois ainda não possuem “capacidade” para tal, já que são “imaturas”.

Essas rupturas que Firuli cria nas regras acaba influenciando seus colegas, e para desgosto dos professores, muitas crianças começam a sair de seus vidros até que, percebeu-se que muitos vidros quebraram durante o processo, e por esse motivo, os professores desistem de tentar colocar os alunos de volta ao vidro pois tornaria “muito caro” consertar todos.

Entende-se que a criança é um ser paradoxal, dita frágil, mas ao mesmo tempo ameaça a ordem social com a diversidade subjetiva que carrega com si, pois a “criança que passa a ter características e sensibilidades próprias é vista também como (...) desafio, risco” (BUJES, 2002, p. 48), utilizaremos desses riscos, dessas diversidades como potência para tal fissuras, a fim de que, dentro do possível possamos nadar contra essa organização social que visa “extirpar da criança, o mais cedo possível, sua capacidade específica de expressão e em adaptá-la, o mais cedo possível, aos valores, significações e comportamentos dominantes” (GUATTARI, 1987, p. 53).

O sistema da escola demonstrava um potencial fracasso ao passo que as crianças não cabiam nos vidros, algumas ficavam muito apertadas, segundo o personagem narrador: "ninguém nunca se preocupou em saber se a gente cabia nos vidros. E para falar a verdade, ninguém nunca cabia direito” e “se não passasse de ano era um horror, você tinha que usar o mesmo vidro do ano passado, coubesse ou não coubesse” sem sequer considerar que as crianças não eram lineares e sim espectrais, não cabiam em um senso de julgamento binário, pois

[...] para a disciplina não se trata nem de expiar uma culpa nem de reprimir, mas de referir as condutas do indivíduo a um conjunto comparativo, em diferenciar os indivíduos, medir capacidades, impor uma “medida”, traçar a fronteira entre o normal e o anormal. [...] A norma, por sua vez, pretende homogeneizar. A norma funciona em um sistema binário de gratificação e sanção; para ela, castigar é corrigir (CASTRO, 2016, p. 112)

Nesse sentido, a escola ao condicionar todas as crianças dentro de vidros, tinha como objetivo limitá-las, reprimi-las, tornar a turma homogênea e disciplinada ao passo que não considerava todas as suas particularidades. No entanto, vez ou outra aparecem pontos de resistência, possibilidades de pequenas fissuras, mudanças.

A partir da leitura da crônica *Quando a Escola é de Vidro*, é possível construir um paralelo com a escola real, a escola que também disciplina, que “[...] define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que faça o que se quer, mas para

que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina” (FOUCAULT, 2014, p. 135). Tendo como principal finalidade a disciplina, portanto, fabricando corpos dóceis e úteis, aumentando sua potencialidade econômica e diminuindo sua capacidade de não ser dominada, individualizando o indivíduo (CASTRO, 2016).

Mas, embora o professor esteja inserido num regime de verdade que delimita sua ação educativa, somente a “codificação estratégica desses pontos de resistência que torna possível uma revolução” (FOUCAULT, 1977, p. 92). Tal qual o personagem Firuli, que modifica todo um sistema da escola a partir desses pontos de resistência, construindo pequenas rupturas resultando em vidros quebrados à medida que instiga a curiosidade de seus colegas ao o verem assistir as aulas fora do vidro. Ainda que as estruturas não se movam, existe uma escola outra, “seria aquela que longe de se adequar, explode, transborda, cria, fascina, encanta [...]” (GALLO; MONTEIRO, 2020, p. 187). E que não sejamos um “professor profeta” (GALLO, 2002, p.170) que do alto de sua sabedoria diz aos outros o que deve ser feito, mas que possamos reconhecer a escola como ferramenta que produz sujeitos, e pensar que tipo de sujeitos nossa prática está contribuindo para a construção.

Palavras-chave: Escola; Infância; Disciplina.

REFERÊNCIAS

BUJES, M. I. E. **Infância e Maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault: **Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**. Rio de Janeiro: Graal, 1977

GALLO, Sílvio. **Em Torno de uma Educação Menor**. Educação & Realidade, [S. l.], v. 27, n. 2, 2002.

GALLO, Sílvio; MONTEIRO, Alexandrina. **Educação Menor Como Dispositivo Potencializador De Uma Escola Outra**. Rematec, [S. l.], v. 15, n. 33, p. 185–200, 2020.

GUATTARI, F. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1987

GROS, Frédéric. **Desobedecer**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

RESENDE, H. DE. **Notas sobre modernidade, pedagogia e infância a partir de Michel Foucault.** ETD - Educação Temática Digital, v. 12, n. 1, p. 242, 30 dez. 2010.

Rocha, Ruth. **Este Admirável Mundo Loco.** 3. ed. Salamandra. jan, 2012.

